

## ACREDITÁVAMOS NA UNIDADE DE VIZINHANÇA

**N**os primeiros anos 60, Brasília recém-inaugurada, saíamos a pé da SQS 304 e da SQS 105 e, empoeirados ou enlameados — dependia se era época da seca ou da chuva — chegávamos ao Clube Unidade de Vizinhança nº 1, entre a SQS 108 e a SQS 109. (Na época, as SQS eram só SQ, a 304 era conhecida como Iapfesp, a 105 era o IAPI e a 108 era o IAPB, referências aos institutos de pensão dos ferroviários, dos industriários e dos bancários, responsáveis por suas construções).

Tínhamos, então, a ilusão de que outros clubes de vizinhança

seriam mesmo construídos, como mandava o plano piloto de Lúcio Costa. Teríamos, portanto, de andar menos na poeira e na lama para nadar e jogar futebol em uma quadra decente.

Diziam-nos que tudo aquilo que havia entre as superquadras 106/306 e 109/309 se repetiria por toda a Asa Sul e, quem sabe um dia, pela distante Asa Norte — dizíamos as Asas Nortes, pois havia a Asa Norte Residencial, que ia da 403 à 407, e a Asa Norte Comercial, as lojas, na maior parte de madeira, às margens da W-3.

Imaginávamos, assim, vários Cines Brasília às margens do Ei-

*xão, um sonho de felicidade para quem nas tardes de sábado e de domingo ou nas férias dispunha apenas dele e do Cine Cultura, na hoje 507 — depois que acabou o cineminha no acampamento de madeira do Banco do Brasil, na 303. O Cine Cultura, aliás, tinha peculiaridades: os lugares eram marcados, como nos teatros, e os lanterninhas usavam gravata borboleta.*

Outras igrejinhas e escolas-parque, jardins de infância e escolas-classe em todas as superquadras, supermercados e postos de saúde no alto das vias comerciais das 300. “Quando tudo ficar pronto...”, diziam. Era assim entre a 106 e a 309, haveria de ser assim em todo o Plano Piloto. Se Brasília, como se acreditava, era uma cidade planejada, o planejamento, é claro, seria cumprido. Se com Juscelino Ku-

BRASÍLIA NÃO É UMA CIDADE PLANEJADA, MAS UMA CIDADE PROJETADA. NÃO HOUVE UM PLANEJAMENTO DE SEU CRESCIMENTO E DE SEU DESENVOLVIMENTO

bitschek e Israel Pinheiro à frente havia sido possível construir uma cidade em tão pouco tempo, não havia razão para duvidar que tudo fosse concluído em um punhado de anos.

Como sabemos, não foi bem assim. Até porque Brasília não era e não é uma cidade planejada, mas uma cidade projetada. Não houve um planejamento de seu crescimento e de seu desenvolvimento, a partir da antecipação dos problemas que enfrentaria. Houve um projeto de cidade, o que é diferente — em vários aspectos um projeto que não foi totalmente executado.

Clube de Vizinhança, tal como o nº 1, não há nenhum. Nem o da Asa Norte, na L-2, é igual. Substituíram os clubes por praças e quadras esportivas, a maioria abandonadas, semidestruídas. Construíram o cine Karim e o prédio onde seria o Cine São Francisco, e só. Aliás, alguém imagina hoje um cinema com o nome de São Francisco? Teria de ser, na melhor hipótese, San Francisco, com sotaque estadunidense acentuado.

Nem todas as superquadras têm jardins de infância e escolas-classe. Poucas são as escolas-parque. O que vingou mesmo



foram as igrejas, mas essas não dependiam do dinheiro público.

Basta que recebam o terreno.

A constatação óbvia é de que, como tantas outras coisas projetadas por Lúcio Costa, a Unidade de Vizinhança não vingou. Ficou apenas na primeira, uma unidade-modelo sem desdobramentos. Por isso, é muito importante a iniciativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) de fazer um inventário da única Unidade de Vizinhança do Plano Piloto. Vai nos ajudar a preservar e zelar pelo que temos de bom e, quem sabe, acreditar que ainda é possível retomar alguns sonhos.